

## IDENTIDADE, IDENTIFICAÇÃO E SEGREGAÇÃO: LINCHAMENTOS VIRTUAIS E A CULTURA DO CANCELAMENTO

Cássio Ozires Z. B Martinez

### Resumo

Este estudo busca por entender o que é e como se dá a Cultura do Cancelamento e as amarras psicanalíticas que fazem com que o indivíduo, no centro da sociedade contemporânea – capitalista e hiperconectada – se identifique em tribos e se engaje nessas práticas que visam o apagamento do *outro*. Para tal entendimento, seguiremos os estudos psicanalíticos de Sigmund Freud e Jacques Lacan no que tange aos aspectos de Identidade e Identificação no indivíduo, até o limite da hostilização e da segregação. Construimos, dessa forma, um paradigma em busca de um ideal que implica em combater o *outro* de todas as formas e em todo ambiente, criando a ideia de que será possível extirpar a diferença e manter a unidade, o que, em certa medida, nos revela a fragilidade identitária do sujeito inserido na organização social.

**Palavras-chave:** Cultura do cancelamento, Linchamento virtual, Identificação.

### Abstract

This article aims to understand what is the Cancel Culture and what are the psychoanalytic issues that cause the individual, at the center of contemporary society - capitalist and hyperconnected – to identify himself with tribes and to engage in these practices that want the cancelation of the other. We will consider the psychoanalytic study of Sigmund Freud and Jacques Lacan on the aspects of Identity and Identification of individuals, which lead us to the processes of hostilization and segregation of the different. With that, we build a paradigm seeking an ideal that implicates in fighting the other in every way and everywhere. Creating the idea that it will be possible to exterminate the different and maintain the unity, which, in a way, reveals the identity fragility of the subject in the social organization.

**Palavras-chave:** Cancel culture, Virtual lynchings, Identification.

## Introdução

Será que quem se envolve em linchamentos virtuais está em busca de apagar a diferença? Foi partindo dessa pergunta que construímos esse estudo com a finalidade de colocar uma lupa sobre o movimento social que ganha força nas redes sociais chamado de *cultura do cancelamento*. Para discorrer sobre esse tema, com foco em entender o que é e por quais motivos se dá esse fenômeno, analisamos de forma crítica as possíveis ações inconscientes que levam indivíduos a se engajarem em verdadeiros linchamentos virtuais a partir de diversas motivações.

Para colaborar com essa análise, partimos das principais características dos conceitos de identidade e identificação, a partir do narcisismo e do reconhecimento do *outro*, desvelados nos estudos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Ademais, utilizamos produções contemporâneas que podem nos ajudar a entender como esses conceitos foram intensificados nos últimos anos, com a utilização de redes sociais. Tudo indica que os sujeitos operam em uma tentativa de apagamento da alteridade, ou seja, daquele que age de forma contrária ao seu entendimento buscando extirpar, de fato, a diferença nas redes, porém esse é um caminho que encontra entraves bastante complexos para o sujeito.

Diante desse cenário, nos levamos a entender os movimentos sociais a partir da ótica criada pelos estudos dos dois psicanalistas supracitados e de autores contemporâneos, como Christian Dunker, com sua *Lógica do Condomínio* (2015); Vladimir Safatle e seu *Circuito dos Afetos* (2019); Daniel Omar Perez e seu esquema de *Identificação* (2018) e, também, João Angelo Fantini com suas explicações sobre a *Segregação* (2014).

## 1. Identidade e identificação

### 1.1 O princípio da identificação

Assim que nascemos, recebemos um nome, somos a ele identificado e passamos por ele a responder. A identificação, por assim dizer, não é uma obra do mero acaso, ela ocorre em um processo de apropriação de atributos ou traços de outros seres humanos pelo qual se constitui e/ou se transforma o próprio sujeito em questão<sup>1</sup>. Para a

---

<sup>1</sup> PEREZ, Daniel Omar; STARNINO, Alexandre Augusto Garcia. Por que nos identificamos? – Curitiba: Editora CRV, 2018, p. 32.

psicanálise, o sujeito atravessa uma jornada de entendimento e experiência de construção do *Eu* psicanalítico. Segundo Freud, o *Eu* não existe desde o começo do indivíduo; o *Eu* precisa ser desenvolvido<sup>2</sup>.

No eixo do desenvolvimento da psicanálise, que se inicia com Freud e passa por Lacan, ao qual tomaremos a liberdade de utilizar o termo freudo-laciano no decorrer desse artigo, temos uma construção metodológica dos processos de formulação de uma teoria da identidade e um esquema que define como se dá a identificação.

O sujeito que se entende identificado é aquele que constitui sua individualidade e compreende o coletivo ao qual habita. Do ponto de vista da psicanálise é o primeiro vínculo afetivo com o *outro* que permite a constituição do *Eu*<sup>3</sup>. É trivial que, na maior parte dos casos, esse *outro* primeiro seja a própria mãe do bebê. É ela que vai, de fato, organizar o mundo para ele e dar-lhe a primeira camada de identificação. Ela é o *outro* que mantém o bebê vivo, alimenta-o, erotiza-o, dá sentido à excitação (tensão) fornecendo possibilidades de significação da satisfação<sup>4</sup>.

Podemos encontrar um processo muito claro, dentro do sujeito psicanalítico, de como a identificação provém da relação com o *outro* na obra “O Espelho”, de Machado de Assis. No citado conto, Jacobina, que é o personagem central, é condecorado Alferes pelo exército, cargo de alta patente. Ao desenrolar do conto, sua identidade é posta à prova e o protagonista, após um longo período de solidão, não se reconhece mais ao olhar sua imagem no espelho, exceto quando veste os trajes de Alferes:

[...] lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui *outro*. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir. (ASSIS, 1994 s/p)

<sup>2</sup> FREUD, Sigmund. Obras completas - volume 12. Introdução ao narcisismo, ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 18.

<sup>3</sup> PEREZ, Daniel Omar; STARNINO, Alexandre Augusto Garcia. Por que nos identificamos? – Curitiba: Editora CRV, 2018, p. 37.

<sup>4</sup> Idem. Por que nos identificamos? – Curitiba: Editora CRV, 2018, p. 38.

Toda essa concepção da identificação nos estudos freudolacanianos traz a subjetividade do indivíduo. É esse caminho de significação que coloca o sujeito em um processo de reconhecimento da simbolização de sua existência.

## 1.2. O processo de diferenciação na identificação

Começamos essa explanação trazendo as ideias que Lacan esboça com seu esquema sobre a crítica da identidade do indivíduo a partir da impossibilidade de igualdade total e absoluta. Assim, fica demarcado o pensamento do autor em que não se pode haver duas identidades absolutamente iguais entre si, dessa forma sempre haverá uma diferença, mesmo que mínima. Na busca por interpretar a identificação, ele percorre o caminho onde concebe a investigação se A é A, ou seja, se A é idêntico à A:

Vou antes enfatizar que na identificação, se coloca imediatamente como idêntico, como fundado sobre a noção do mesmo, e mesmo, do mesmo ao mesmo, como tudo o que isto traga de dificuldades. [...] mesmo sem poder marcar muito rapidamente quais dificuldades isso nos oferece desde sempre ao pensamento, A é A; se é tão igual assim, por que separá-lo dele mesmo, para tão depressa aí recolocá-lo? (LACAN, 2003, p. 13 e 14)

Aqui encontramos uma crítica inicial a essa impossibilidade. Isso só é possível porque cada indivíduo parte de sua própria noção de identidade. É a partir de um lugar único, da experiência que cada ser humano estabelece com o seu exterior, que a identidade perpassa e se consolida.

Lacan vai costurando, dentro de suas análises, o sujeito que vai nascer da cadeia significante e individual.<sup>5</sup> Para Lacan, a identificação não é exatamente a mesma pensada na leitura freudiana em que estamos identificados com a figura de uma pessoa ou objeto, mas com um significante específico. A identificação do sujeito-identificado é com um significante vazio de conteúdo, que mesmo vazio, ganha sentido em uma cadeia de significantes<sup>6</sup>. Lacan articula e apresenta a sua noção de sujeito a partir do *efeito, posição e suposição*. Destarte, um sujeito é:

o que supõe numa fala quando sujeito da enunciação. Isso é, na diferença estabelecida entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação. [...] O que produz como efeito da fala enquanto efeito de uma cadeia significante (S1, S2, S3, S4, ...Sn). [...] O que revela uma fala enquanto posição com relação ao significante mestre. (PEREZ E STARNINO. 2018, p. 40)

<sup>5</sup> PEREZ, Daniel Omar; STARNINO, Alexandre Augusto Garcia. Por que nos identificamos? – Curitiba: Editora CRV, 2018, p. 42.

<sup>6</sup> Idem. 2018, p. 41.

Aqui cabe um espaço para aclarar a questão do significante-mestre que, muitas vezes, é abordado com a nomenclatura S1 e é:

[...] o que define a legibilidade do princípio em que se sustenta a ordem discursiva. Esse princípio discursivo integra um aparelho de linguagem que ordena as relações sociais. Dessa forma, ao fixar o elemento que possibilita o efeito de leitura, torna a ordem discursiva interpretável. (DIAS e FERREIRA, 2019. p. 4)

Também nos interessa nesse estudo compreender as impossibilidades que fazem com que o sujeito, de fato, não possa ser idêntico a outro, uma vez que possam ser identificados com o mesmo objeto. É nesse ponto que colocamos no caminho outros atributos indispensáveis para pensar o sujeito-identificado: o tempo, espaço e a diferença na qual o sujeito está sempre impossibilitado de ser idêntico, em complete, com outro.

Em linhas gerais, temos pontos que diferem A1 de A2 e garantem que a lógica  $A = A$  não exista por completo, afinal existe, mesmo que mínima, a diferença, por assim dizer. O primeiro ponto é o tempo e como ele se estabelece em linha, visto que o A1 do tempo um (T1) não pode ser o mesmo A1 do tempo dois (T2) e o mesmo vale para A2.<sup>7</sup> O segundo ponto em questão é o espaço em si, que é de onde a partida é tomada, esse ambiente de condição que dá a possibilidade de ser ou não, de estar, de certa forma, identificado ou então de outra forma identificado. É o exterior que implica o sujeito, que o influencia, o modifica e o orienta. Para além desses dois fatores, temos um outro predicado fundamental que é a diferença:

Se considerarmos  $A=A$  devemos partir primeiro da diferença. Para que A do lado esquerdo seja igual a A do lado direito supomos uma diferença anterior. Essa diferença é o vazio ocupado pelo evento A. Assim podemos dizer que A está sobre a diferença, onde A é e não é A. (PEREZ E STARNINO. 2018, p. 43)

$$\frac{A = A}{\text{Diferença}}$$

Logo, podemos dizer que a diferença funda a relação de identidade. Apesar de ver, por exemplo, o jeito da mãe na filha, esse jeito é e não é o jeito da mãe na filha. É porque compreende o traço mimético que a filha aprende na relação com a mãe, mas é também o jeito da filha expor determinados traços identitários e particulares. Em

---

<sup>7</sup> Idem. 2018, p. 42.

síntese, é assim que se estabelece ao mesmo tempo uma relação de igualdade e de diferença.

A identificação propõe que os significantes sejam acolhidos no vazio do traço unário para poder operar a relação. [...] Assim a cadeia significante que se articula na escolhida do significante S1 a partir do traço vazio produz o sujeito como suposição, posição e efeito. [...] em seguida, a ordem dos significantes na cadeia permitirá constituir o sujeito e ainda a realidade (simbólica e imaginariamente estabelecida) na qual aparecem os objetos como distintos, equivalentes, iguais e inclusive o mesmo. (PEREZ E STARNINO. 2018, p. 44)

### 1.3. A formulação da identidade

Ao passo da construção de um conceito mais amplo de identidade, precisamos entender como que esse significado se consolida em uma unidade coletiva. Mesmo que até esse momento nosso entendimento seja de que não há dois indivíduos igualmente identificados com um mesmo objetivo da mesmíssima forma, é preciso traçar o caminho coletivo que promove a união de pessoas em torno de um objetivo, causa ou propósito e que garante que exista essa unidade de grupo. No campo da filosofia contemporânea, autores, como Zygmunt Bauman, estabeleceram o paralelo da identidade de grupo com a busca por objetos aglutinadores ligados a ideias culturais e políticas, como ele mesmo cita na obra em que é entrevistado pelo jornalista italiano Benedetto Vecchi:

A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” [...] e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. É porque existem tantas dessas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolve essas “comunidades de indivíduos que acreditam” que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis. (BAUMAN. 2005, p.17)

Diante desse cenário de busca por identidade e por consonância de ideias em um coletivo, tentamos compreender de forma sintética por que a identificação coletiva é algo amplo e bem tramado. Encontramos estabelecida na obra de Perez e Starnino uma fórmula que pode jogar luz a esse entendimento:

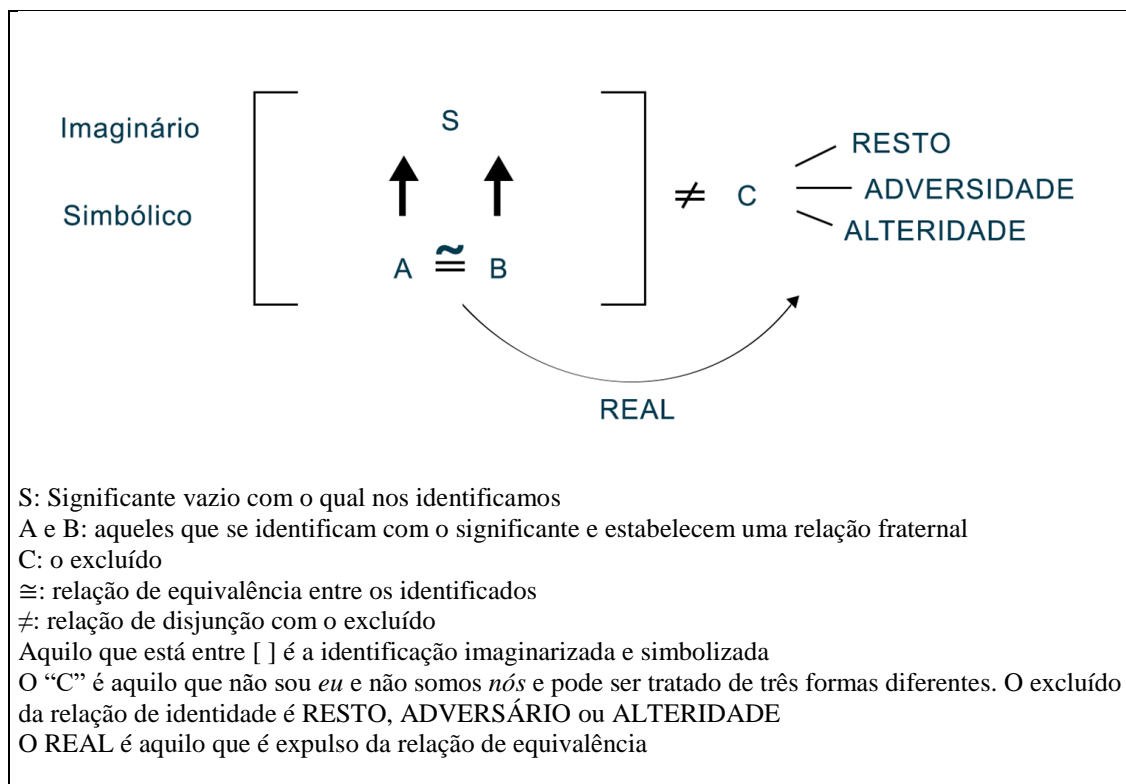


Figura 1: Fórmula da identificação. PEREZ e STARNINO, 2018, p. 49

Encontramos nesse esquema atributos bastante precisos para entender as múltiplas modalidades de identificação. Dessa forma, podemos constituir o sujeito a partir do processo de identificação que pode ser trabalhada de diferentes maneiras: 1. Individual; 2. Relações amorosas; 3. Grupos; 4. Massas.<sup>8</sup>

É fundamental esse entendimento metodológico para avançarmos na trilha de conhecimento que buscamos, uma vez que a fórmula engendradora por Perez e Starnino contempla os aspectos fundados nos estudos freudo-lacanianos e nos leva a enxergar que o caminho da identificação está também marcado por um campo negativo que leva a excluir a alteridade. Esse passo em direção ao entendimento de que, para existir identificação, para conceber uma ideia em conjunto e emergir um grupo, se faz necessário que também se eleja um adversário, um resto.

Diante desse cenário, nos resta agora atravessarmos essa cadeia imaginária e simbólica em que, em dado momento, nos identificamos com um objeto e construímos uma cadeia significante que consolida o grupo. Contudo, existe um resto, algo a ser excluído desse processo, que ora é esse *outro* da alteridade e ora até mesmo um sujeito do grupo cujas atitudes, em determinada instância, começam a não estar em consonância com os significados defendidos pelo grupo, passando assim a ser

<sup>8</sup> PEREZ, Daniel Omar; STARNINO, Alexandre Augusto Garcia. Por que nos identificamos? – Curitiba: Editora CRV, 2018, p. 49.

segregado, criando uma exclusão. Logo, afastamos e não identificamos tal sujeito com os ideais do coletivo. É essa diferença e esse resto que estão à espreita e que emergem, fazendo com que acenda uma fagulha que possa fazer com que A ou B se torne C à medida que o sujeito não coaduna com determinados significantes na linha do tempo.

## 2. Segregação

### 2.1. Diferença e agressividade

Diante da explicação que articulamos no capítulo sobre a identificação, podemos entender que, em toda relação de grupo, sempre existirá um resto, uma sobra, um *outro* a ser combatido para que o coletivo, frente a um ideal, se fortaleça. Freud, em suas obras, faz uma crítica bastante contundente à passagem bíblica que prega “amar ao próximo como a si mesmo” em que ele afirma que nada pode ser mais contrário à natureza humana original<sup>9</sup>. Aqui cabe a constatação de que, para a psicanálise, esse princípio é fundamental. Os indivíduos que se articulam em grupos buscam sempre esse *outro* que está simbolizado como adversário na cristalização da alteridade. A título de exemplo, podemos pegar torcidas organizadas de clubes esportivos que mantêm uma relação ferrenha com adversários, muitas vezes da mesma cidade. Freud relata, de forma bastante clara, esse ponto:

Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. Certa vez discuti o fenômeno de justamente comunidades vizinhas, e também próximas em outros aspectos, andarem às turras e zombarem uma da outra, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e do sul, os ingleses e os escoceses e etc. Dei a isso o nome de “narcisismo das pequenas diferenças”, que não chega a contribuir muito para seu esclarecimento. Percebe-se nele uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre membros da comunidade. (FREUD, 2011, p. 60)

Esse comportamento descrito por Freud em indivíduos pertencentes a determinados grupos nos leva a explorar as origens mais claras da agressividade humana. É importante entender que a agressividade vem de uma raiz profunda que fere o narcisismo do *Eu*, é o *outro* semelhante, porém distinto. Pode ser objeto, auxiliar, adversário, modelo, herdeiro ou usurpador. Ocupa o mesmo espaço no espelho,

---

<sup>9</sup> FREUD, Sigmund. Obras completas volume 18 – O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias a psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 58.



ameaçando invadir o lugar do sujeito na realidade. É essa ameaça sinistra, essa invasão, esse avesso do narcisismo eminente que faz com que a agressividade seja extrapolada<sup>10</sup>.

Sendo assim, a identificação e a agressividade se encontram em uma relação de ambivalência:

O menino percebe que o pai é um obstáculo entre ele e a mãe; sua identificação com o pai adquire então uma tonalidade hostil, e torna-se idêntica ao desejo de substituir o pai também junto à mãe. Pois desde o início a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação. Comporta-se como um derivado da primeira fase, a fase oral da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou, comendo, o objeto desejado e estimado, e assim o aniquilou enquanto objeto. É sabido que o canibal permanece nesse ponto; tem uma afeição devoradora por seus inimigos, e não devora aqueles de quem não pode gostar de algum modo. (FREUD, 2011, p. 62)

## 2.2. Segregação e intolerância

A segregação entre os indivíduos é uma atividade que percorre a sociedade desde o início dos tempos. Lacan postula que a origem da fraternidade é a segregação. Não há coletivo ou laço social sem exclusão, sem segregação, pois não existe um gozo social unificado, há várias modalidades de gozo que são escolhidas por cada cultura<sup>11</sup>. Com isso fica clara a vocação do ser humano para encontrar no *outro* uma certa camada de separação.

Há uma questão que acompanha essa discussão que está conectada à camada de identidade do indivíduo e é, sobretudo, a busca por entender de que forma, nas sociedades contemporâneas, cercadas por seus objetos de diferenciação e fortalecimento do coletiva, o sujeito, em seu imaginário, se blinda desse *outro* que está à espreita. Porém, essa roupagem de proteção não vem sem preço, no processo de reconhecimento, o indivíduo, que se inclui ao grupo, sofre transformações que reforçam sua potência identitária e, com isso, as relações de contraste fluem para a ameaça e agressividade dos que não são idênticos e identificados com seu objeto, ou seja, o avesso das identidades. O efeito da identificação gera a segregação e, como contrapartida, temos uma ameaça ao gozo do indivíduo identificado. É essa conexão entre o gozo identitário suposto ao *outro* associado com a crise imaginária do sujeito que constitui uma combinação indutora para intolerância, segregação e violência<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> FANTINI, João Angelo. Raízes da Intolerância. São Carlos: Edufscar. 2014, p. 13.

<sup>11</sup> PEREIRA, Carlos Eduardo; FERRARI, Ilka Franco. A identificação e os processos de segregação na contemporaneidade. In: Caderno CESPUC. Belo Horizonte, n. 28, 2016, p. 208.

<sup>12</sup> FANTINI, João Angelo. Raízes da Intolerância. São Carlos: Edufscar. 2014, p. 131.

É na esteira dessa crise de identidade, dessa intensificação por segurança contra a ameaça do *outro* que, nas sociedades contemporâneas, nos cercamos, tanto no off-line como no digital, de semelhantes que desfrutem do gozo identitário conosco. O que fica de fora da simbolizada identidade é resto, é alteridade e esse *outro* é vetor e também é objeto do nosso mal-estar:

O mal-estar, em sentido específico, [...] pode ser descrito, metapsicologicamente, da seguinte maneira: a agressão é introjetada, por seu reenvio ao ponto de partida, no próprio eu. Forma-se, assim, o Supereu como consciência moral, capaz de exercer sobre si a mesma severidade agressiva que o eu exerceria contra os outros. (Dunker, 2015, p. 203)

Fica claro que é diante desse caldo de conflitos que o mal-estar se instala na relação entre o indivíduo e o *outro* e, na busca por segurança contra essa estranheza desse *outro* não-familiar, existe um combate a ser travado que, por algumas vezes, pode levar à violência, ponto de onde a segregação vira agressividade imposta:

A conhecida discussão sobre as origens da agressividade e da violência, quiçá em suas raízes psicológicas, é coligada aos argumentos clássicos de liberalismo esclarecido: a extinção da propriedade privada não eliminará a ganância, o narcisismo das pequenas diferenças continuará a grassar entre comunidades vizinhas, e mesmo o férreo universalismo, digno do apóstolo Paulo, não fará mais que aumentar a intolerância para com os que consideramos inumanos em meio a miséria psicológica da massa. (Dunker, 2015, p. 202)

Passamos assim a dar cor ao *dégradé* das instâncias que caminham pela jornada do indivíduo em sua identificação até a questão da segregação com o surgimento da violência. Esse sentimento está ligado ao conceito de intolerância, uma vez que se passa a justificar a manifestação da agressividade para com o estranho ou um estrangeiro como se este tivesse roubado ou roubando algo de nós<sup>13</sup>.

É esse o percurso que nos liga às demandas de segregação e intolerância, para com esse diferente que não é igual, do vizinho que não pactua dos mesmos valores que temos ou até desse semelhante que, apesar de estar em comunhão com meus valores, ainda sobra um pequeno engodo que aparece na linha do tempo e gera estranheza, criando a atmosfera do mal-estar. Esse exercício de reconhecer a alteridade no familiar caracteriza a diferença e exterioriza a agressividade:

Em "O tabu da virgindade", publicado em 1917, Freud cunhou a expressão "narcisismo das pequenas diferenças" referindo-se ao trabalho anterior do antropólogo britânico Ernest Crawley, que havia dito que reservamos nossas emoções mais virulentas (agressão, ódio, inveja) para aqueles que mais nos lembram e nos ameaçam por essa semelhança, muito mais do que para aqueles com quem temos pouca coisa em comum. Partindo da sua teoria do

---

<sup>13</sup> Idem. 2014, p. 134.

narcisismo, Freud abordou os mecanismos de intolerância, segregação e violência existentes na cultura para explicar como humanos vivendo em sociedades teriam propensão à agressão uns contra os outros. Haveria um processo no sentido de estigmatizar o outro com pequenas diferenças que construiriam o estranhamento deste outro e a segregação nos grupos. (FANTINI, 2014, p. 135)

Acrescentamos aqui uma análise pertinente a essa linha de intolerância com o indivíduo que é familiar. Mesmo nos mais perfeitos grupos identificados sempre haverá, ao menos, uma mínima diferença.

Conseguimos enxergar isso quando nos deparamos, por exemplo, com um coletivo em um condomínio. Na obra *Mal-estar, Sofrimento e Sintoma – Uma psicopatologia do Brasil entre muros*, o psicanalista Christian Ingo Lenz Dunker relata sua topologia da segregação com uma nova abordagem sobre o que ele chama de lógica do condomínio:

A lógica o condomínio tem por premissa justamente excluir o que está fora de seus muros; portanto, no fundo, não há nada para pensar na tensão entre esse local murado e seu exterior. Também não há muito a pensar na tensão intramuros, uma vez que, como observamos, a única área de real conveniência pública é o playground. O espaço já é concebido e vivido como falso universal. Por isso os que vivem fora estão sem lugar, sem terra, sem teto, sem destino. E os que vivem dentro estão demasiadamente implantados em seu espaço, seu lugar e sua posição. (Dunker, 2015, p. 52)

Mesmo nesse ambiente rodeado de muros, em que os indivíduos comungam de uma fantasia compartilhada com uma experiência controlada de liberdade, em que se tem uma ideia ou sensação de segurança, existe instâncias que levam à intolerância, uma vez que a segregação surge do fracasso em articular a diferença e a divisão<sup>14</sup>.

Ademais, o condomínio funciona como um circuito fechado e autorregulado que busca preservar um tom de normalidade plastificada, onde a diferença de classe e raça passa sem ser tocada, mas é resolvida por um sutil código de circulação em convivência<sup>15</sup> e os eventos inesperados, que fogem ao script do ambiente controlado, seguem sendo analisados como sintomas<sup>16</sup>.

Dessa forma, o condomínio pode ser considerado uma experiência segregativa por característica fundamental:

[...] quase todos os atributos verificados no processo produtivo se encontrarão, com sinal trocado e de forma invertida, no condomínio, onde vigora a vida reprodutiva. Um lugar fortemente delimitado (muros), no qual a

<sup>14</sup> DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Mal-estar, sofrimento e sintoma – Uma psicopatologia o Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 55

<sup>15</sup> Idem, 2015, p. 50

<sup>16</sup> Idem, 2015, p. 54

representação é substituída pela administração funcional (síncico) que cria uma rígida lei própria (regulamentos) conferindo suplemento de identidade moral a seus habitantes. Nele ganham substância os ideais de autorrealização e sucesso. (Idem, 2015, p. 52)

### 3. Linchamentos Virtuais e a Cultura do Cancelamento

#### 3.1. Linchamentos e Cancelamentos

Os linchamentos públicos não são práticas que podem ser atribuídas aos dias atuais. É de saber coletivo e muito bem disseminado o trecho da Bíblia que marca uma das passagens mais emblemáticas, a tentativa de apedrejamento de Maria Madalena:

Os escribas e os fariseus trouxeram uma mulher apanhada em adultério, puseram-na no meio de todos e disseram a Jesus: 'Mestre, esta mulher tem sido apanhada em flagrante adultério. Moisés nos ordenou na Lei que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?' Isto diziam, experimentando-o, para ter de que o acusar. Jesus, porém, abaixando-se, começou a escrever no chão com o dedo. Como eles insistissem na pergunta, levantou-se e disse-lhes: 'Aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra' (BÍBLIA, 2015, p.1627).

Hoje os tempos são outros e as práticas também. Não nos reunimos mais em praças públicas para castigar os “infiéis”, os novos espaços públicos são as redes sociais e é por meio delas que acontecem os principais casos de linchamentos na atualidade. Nos últimos anos, esses linchamentos digitais ganharam novos traços e um novo termo denominativo, o “cancelamento” ou em inglês *call out*. O Jornal Nexo publicou uma matéria que tenta empregar algum sentido à prática de “cancelar alguém”:

Além dos seus usos mais tradicionais – como deixar de assinar um serviço ou desmarcar um compromisso agendado –, o verbo “cancelar” tem sido empregado com frequência, recentemente, para pessoas. O ato de cancelar alguém costuma ser aplicado a figuras públicas que tenham feito ou dito algo considerado condenável, ofensivo ou preconceituoso (LIMA, s/p, 01 nov. 2019).

Esse movimento de cancelar pessoas na internet não foi cunhado em terras tupiniquins. Segundo análises, os cancelamentos virtuais ganharam popularidade no mundo em 2017 com o movimento #MeToo<sup>17</sup>, porém já houve casos de cancelamentos em terras brasileiras antes desse período.

---

<sup>17</sup> Internacionalmente, a ideia de cancelar celebridades é relacionada ao movimento #MeToo, série de denúncias de assédio sexual contra homens poderosos que se espalhou pelo mundo a partir de 2017, e que fez com que vários agressores fossem genuinamente ostracizados em uma onda cultural de alta velocidade impulsionada pelas redes sociais (LIMA, s/p, 01 nov. 2019).

É preciso entender que o ato de cancelar alguém não quer dizer que vamos buscar debater ou entender o outro com ideias e argumentos, mas sim excomungá-lo, trazendo assim novos traços ao entendimento do que é, de fato, o ato de discordância nos meios digitais. Os esforços empregados durante o período de “cancelamento” são extremos, vão de xingamentos até ameaças de morte. Durante esse período, vale tudo, muitos internautas se envolvem profundamente no ritual de execração pública e chegam até a resgatar opiniões e publicações antigas do alvo de suas críticas, mesmo que fora de contexto, na busca por algo que corrobore com o foco da sua opinião. Como no caso do cantor Biel, o qual assediou a jornalista que estava entrevistando-o e o escândalo tomou proporções inimagináveis:

O episódio rendeu cancelamento de shows, contratos publicitários e a revogação do convite que Biel tinha recebido para conduzir a tocha olímpica em Fortaleza. [...] Duas semanas depois do caso, a jornalista que fez a denúncia foi demitida do IG sob a justificativa de corte de custos. A avalanche de críticas, comentários depreciativos e cobranças de usuários lotaram todos os perfis nas redes sociais do cantor, e usuários começaram a vasculhar seu perfil do Twitter em busca de mensagens antigas que o constrangessem. (FREITAS, s/p, 05 ago. 2016).

De astros midiáticos a meros indivíduos comuns da sociedade, ninguém está imune a cair no cancelamento, basta que uma massa considerável de usuários direcione sua indignação para esse indivíduo. A doutora em psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Fabiane Friedrich Schütz, em uma matéria sobre o tema no canal TAB do portal UOL, ressalta esse tipo de comportamento nos meios digitais: “Em termos de comportamento de grupo, toda vez que a gente aponta alguém e a coloca em situação de evidência, despersonaliza essa pessoa<sup>18</sup>”.

Em outro trecho, ela tenta explicar o comportamento das pessoas que se tribalizam para atacar aquele que está confrontando suas opiniões: “Quando a gente está na internet, tem mais possibilidade de encontrar pessoas parecidas conosco do que no cotidiano — seja nas potencialidades, seja no que não é tão legal assim<sup>19</sup>.”

A Internet, de fato, extrapolou e criou novos paradigmas para a forma e o conteúdo dos linchamentos. O jornalista Jon Ronson, em seu livro, que traça uma busca por entender como as pessoas estão se engajando em humilhar outras nos meios digitais, tenta resumir essa sensação no fim do seu percurso de escrita:

---

<sup>18</sup> POLLO, Luiza. Todo mundo está de mal: o que a cultura do cancelamento diz sobre nós. Tab Uol. São Paulo, 20 de set. de 2019.

<sup>19</sup> Ibidem, s/p.

Sempre tivemos alguma influência sobre o sistema judiciário, mas pela primeira vez em 180 anos – desde que os troncos e os pelourinhos foram banidos –, temos o poder de determinar a severidade de algumas punições. Então, precisamos considerar o nível de impiedade com qual nos sentimos confortáveis. Eu, pessoalmente, não participo mais do frenesi da condenação pública de ninguém, a não ser que a pessoa tenha cometido uma transgressão que tenha vítima de verdade; e mesmo assim, não tanto quanto eu provavelmente deveria. (RONSON, 2016. p. 287)

O que há de novo nesse quesito é a tentativa de um apagamento total e uma necessidade de silenciar a diferença. Não está em discussão se existe uma incapacidade de convívio com o antagônico, mas sim se é possível apagá-lo, de uma forma em que ele não se expresse mais. Tornamo-nos júri, juiz e executor na lógica das redes sociais.

### 3.2 Apagamento da diferença na encruzilhada da impossibilidade

O indivíduo, inserido na sociedade atual que está conectada aos ambientes das redes sociais e, como pudemos observar até aqui, em busca de sentir-se pertencente a grupos aos quais haja identificação, encontra uma atmosfera bastante favorável para se engajar em rituais de Cancelamento. Fazer parte do grupo significa reforçar o processo de participação, ou seja, quanto mais o sujeito está investindo no objeto e se mostrando identificado com o bando, mais ele reforça o laço e mais exterioriza a agressividade para alteridade.

Estar no coletivo também é uma questão ligada à autoconservação, afinal, fazer parte de um conjunto é também uma forma de experimentar uma certa sensação de segurança:

Os sujeitos racionais no interior do capitalismo são aqueles que organizam suas ações tendo em vista sua autoconservação, a manutenção dos seus bens, o cálculo econômico de seus esforços e a fruição de formas moderadas de prazer, ou seja, forma de prazer que não nos coloca fora do nosso próprio domínio. Eles são aqueles que se julgam racionais por sempre submeterem sua afetividade à reflexão sobre a utilidade e a medida. Desta forma, as relações entre pessoas acabarão por submeterem à racionalidade instrumental entre coisas. (SAFATLE, 2019, p. 161)

Diante desse cenário, pode existir uma certa camada imaginária para o sujeito em que ele acredita ser capaz de extirpar a presença da alteridade, acabar com o que há fora, o que é resto e manter apenas a coesão interna. Porém, vale lembrar que, por concepção, não existe a possibilidade de erradicar a alteridade. Mesmo que o estrangeiro desapareça, ou que o *outro* que me ronda as fronteiras suma da visão, ainda estará, dentro do grupo, de forma a saltar aos olhos, sob o que Freud chamou de *o*

*narcisismo das pequenas diferenças*, e que apontará para o semelhante que, em algum momento, se tornará o não-familiar:

A única relação isenta de afetos de aversão e hostilidade, segundo Freud, seria a da mãe com seu filho. Todas as demais teriam seus espinhos. O ponto central aqui é que essa aversão, hostilidade e intolerância (Freud nomeia de diversas formas) se apega aos pormenores da diferenciação para se expressar, se apega às pequenas diferenças. [...] De fato os espinhos se evidenciam nesses pormenores. Tal como o sonho se vale do resto diurno, a hostilidade se apega à pequena diferença. (REINO e ENDO, 2011, p. 21)

É diante desse impasse primordial que o indivíduo sempre está às voltas, não há *Eu* sem o *outro* e é por não existir *Eu* sem o *outro* que o indivíduo pode travar todas as batalhas possíveis na busca por findar com a diferença e não encontrar outro resultado se não mais resto.

Destarte, o sujeito identificado com o bando está fadado a construir seus muros, barrar seus adversários e estabelecer fronteiras no campo de batalha digital, mas assim que estiver entrincheirado, ele também terá de se entender frente ao comportamento coletivo de *cancelar o outro* na busca por esse desafio de apoiar o bando no seu ideal identificado:

O outro é ótimo, contanto que sua presença não invada, contanto que o outro não seja realmente o outro. A tolerância coincide com seu oposto: meu dever de ser tolerante para com o outro significa efetivamente que eu não deveria chegar perto demais dele, não deveria invadir seu espaço – em suma, que eu deveria respeitar sua intolerância em relação à minha proximidade excessiva. Isso é o que cada vez mais emerge como o “direito humano” central na sociedade capitalista tardia – o direito de não sofrer abuso [...] de ser mantido a uma distância segura dos outros. (ZIZEK, 2010, p. 125)

Em linhas gerais, o indivíduo não consegue escapar da relação estabelecida entre a construção do seu *Eu* enquanto sujeito identificado e a exteriorização do resto, sendo esse resto o *outro* que auxilia e fortalece sua demanda por pertencimento. O que a *cultura do cancelamento* e os linchamentos digitais reforçam é essa necessidade do indivíduo, no centro da sociedade contemporânea – com suas questões de consumo, pertencimento e individualidade – caminhar sempre mais e mais em direção ao gozo e construir novas modalidades de agressividade e de expurgo da alteridade, mesmo que esse *outro*, por assim dizer, não cesse de retornar.

#### 4. Conclusão

O fato que salta aos olhos quando estamos colocando a cultura do cancelamento no divã é que precisamos compreender como a internet mudou as dimensões e a elasticidade dos julgamentos. Os grupos que atuam dentro do ambiente digital funcionam ora como acusador, ora como júri e ora como juiz. Diante dessa atmosfera, o que podemos observar é uma profunda tendência ao apagamento da diferença em qualquer que seja a medida, da mais ínfima para a mais larga alteridade. Vale lembrar que não está sob nosso olhar colocar um julgamento de valor nesse tipo de ação, mas sim de trazer a luz para o modo e a forma de como essa prática se estabeleceu hoje como status de cultura.

Na construção proposta, podemos ver que, diante dos estudos psicanalíticos guiados pelo eixo freudolacaniano, o sujeito identificado passa a fazer parte de um grupo em questão, por conseguinte estabelece relações e cria laços sociais, assim inicia uma busca por proteger os valores estabelecidos no coletivo. Com isso, o indivíduo identificado passa a se engajar em episódios de segregação buscando uma forma para que o *outro* não interfira no gozo compartilhado. Mas o que compreendemos até aqui é que essa jornada está fadada a um caminho sem final. Esse indivíduo, por sua vez, encontrará, mais e mais resto, mais e mais alteridade. Podemos perceber que o sujeito agora conectado aos meios digitais vê sua identidade posta à prova e para assegurar sua identificação, tende a construir barreiras e emparedar seus semelhantes no caminho da preservação e segurança. É a busca por tribalização que cerca o indivíduo desde os tempos das cavernas. Em outras palavras, é a necessidade de preservação diante da ameaça estrangeira que atualmente passou a entrar em nossas vidas por todas as brechas, reais ou digitais.

Chegamos assim à conclusão de que a sociedade contemporânea neoliberal e globalizada tornou o indivíduo um sujeito que busca a todo momento reforçar seus laços de identificação para que ele possa tentar encontrar segurança em quem ele é. Nesse enlace social, o sujeito perde a capacidade de procurar caminhos alternativos ou até mesmo a construir pontes com o intuito de admitir diferenças toleráveis. Nesta sociedade que admite a Cultura do Cancelamento, nenhuma forma de diferença pode ser tolerável e, desta forma, o circuito de afetos que circulam nesse ambiente é necessariamente o medo, a insegurança, a violência e o mal-estar.



## Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio Janeiro: Zahar, 2005.

BÍBLIA, Novo Testamento. João 7:52–8:15. In: **BÍBLIA**. Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: Joseph Smith. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Salt Lake City, Utah, EUA, 2015.

FREITAS, Ana. Quando vergonha pública e linchamento virtual saem do controle. **Nexo Jornal**. São Paulo, 05 de ago. de 2016. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/08/05/Quando-vergonha-p%C3%BAblica-e-linchamento-virtual-saem-do-controle>>. Acesso em: 17 de nov. de 2019.

LIMA, Juliana Domingos de. Quais os efeitos da cultura do cancelamento. **Nexo Jornal**. São Paulo, 01 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/11/01/Quais-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>>. Acesso em: 17 de nov. de 2019.

FANTINI, João Angelo. **Raízes da Intolerância**. São Carlos: Edufscar, 2014.

FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 12**. Introdução ao narcisismo, ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. **Obras completas volume 15** – Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. **Obras completas volume 18** – O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias a psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. Seminário IX. **A Identidade**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

LIMA, Juliana Domingos de. Quais os efeitos da cultura do cancelamento. **Nexo Jornal**. São Paulo, 01 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/11/01/Quais-os-efeitos-da-cultura-do-cancelamento>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

PEREIRA, Carlos Eduardo; FERRARI, Ilka Franco. A identificação e os processos de segregação na contemporaneidade. In: **Caderno CESPUC**. Belo Horizonte, n. 28, 2016.

POLLO, Luiza. Todo mundo está de mal: o que a cultura do cancelamento diz sobre nós. **Tab Uol**. São Paulo, 20 de set. de 2019. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/20/todo-mundo-ta-de-mal-o-que-a-cultura-do-cancelamento-diz-sobre-nos.htm>>. Acesso em: 17 de nov. de 2019.

PEREZ, Daniel Omar; STARNINO, Alexandre Augusto Garcia. **Por que nos identificamos?** – Curitiba: Editora CRV, 2018.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**. Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma** – Uma psicopatologia o Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

REINO, Luiz Moreno Guimarães e ENDO, Paulo Cesar. **Três versões do narcisismo das pequenas diferenças em Freud**. Rio de Janeiro, 2011.

RONSON, Jon. **Humilhado: Como a era da internet mudou o julgamento público**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.